

Reconstrução do RS vai de escolas a cidades inteiras



RIO GRANDE DO SUL

CAIO SARTORI

caiosartori@globo.com

Prefeitos do Rio Grande do Sul que lidam há dias com as enchentes relatam ao GLOBO diferentes tipos de drama. A catástrofe climática que deixou 107 mortos até ontem registra histórias como a do chefe do Executivo municipal de São Leopoldo, que perdeu a casa — e precisou, durante a gestão da crise como gestor público, lidar com a dor de ver o pró-

CINCO ALCAIDES E UMA CATÁSTROFE

PREFEITOS GAÚCHOS RELATAM DIFERENTES DESAFIOS PARA RECONSTRUIR CIDADES

1

SÃO LEOPOLDO

Além do drama da cidade, prefeito perdeu o próprio lar



A dor de ver a perda alheia já era grande, mas o prefeito de São Leopoldo, Ary Vanazzi (PT), vive algo maior durante as enchentes no Rio Grande do Sul. Viu a própria casa ficar apenas com o telhado para fora d'água (foto acima).

— Hoje, quando falo disso, não falo como alguém que viu, e sim como alguém que está sentindo na pele a dor — diz. — O reflexo disso tudo, além de social, tem um peso muito poderoso no emocional. Uma tragédia como essa é difícil de recuperar. Estamos com psicólogos para conversar com as pessoas, tentando reanimá-las para que haja uma situação melhor. As pessoas ficam doentes. Eu estou nessa mesma situação. Além das casas, a infraestrutura municipal perde verbas que vão demandar uma ampla reconstrução.

— Perdi 18 escolas, tudo debaixo d'água, 16 postos de saúde também. As ruas da cidade vão sair dessa enchente deficitárias com muitos problemas de mobilidade urbana — aponta Vanazzi. — Temos dois diques que foram destruídos. Só para a recuperação deles e das bombas de água vou precisar de R\$ 30, 40 milhões para fazer voltar a ter uma certa funcionalidade. O prefeito ainda não consegue dimensionar o total de dinheiro necessário para a cidade. Correligionário do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ele defende que o governo priorize agora a ajuda emergencial e, depois de um plano de trabalho mais detalhado, ajude a financiar a reconstrução dos municípios.

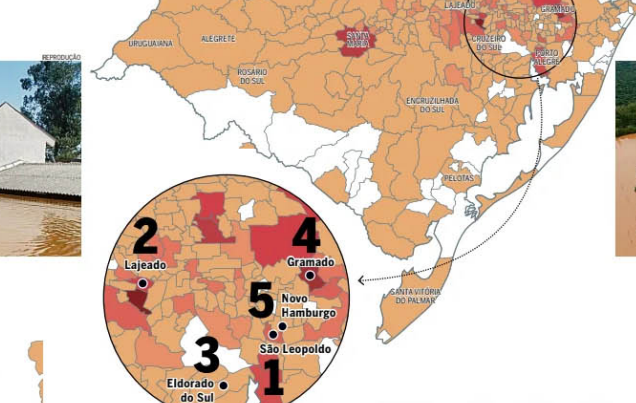
— Estamos numa situação muito difícil. Essa tragédia que foi submetido o estado e nossa cidade é a maior de toda a nossa história. São cerca de 180 mil desabrigados e mais de 13 mil em albergues, praticamente dois terços da população do município — diz.

A TRAGÉDIA DIA A DIA EM TODO O RIO GRANDE DO SUL

O estado continua em colapso e vive um cenário de terra arrasada

Número de mortes

0 8



2

LAJEADO

Três tragédias em menos de um ano

Quando a reconstrução das perdas de setembro do ano passado não havia sequer começado, veio a água e destruiu mais ainda a cidade de Lajeado. O prefeito Marcelo Caumo (PP), que estava de férias no momento em que as notícias sobre a possibilidade de uma nova tragédia começaram a pulular, conta que o estrago de 2023 fez com que 300 casas fossem prometidas ao município via Minha Casa Minha Vida. Agora, estima precisar de 500 no total. — Passados oito meses, não tem um tijolo ainda daquelas 300 casas. O sistema é muito burocrático. Vai precisar mudar o regimento, senão no momento em que as pessoas mais precisam não vamos conseguir as respostas. A Caixa precisa tirar as amarras neste momento de calamidade — afirma.

A cota de inundação do rio Taquari, que normalmente tem entre cinco e seis metros de profundidade, é de 13 metros. Nos últimos dias, chegou a 33 — portanto, mais que o dobro do aceitável. Há 1300 desabrigados.

— Estamos numa nova etapa agora. As pessoas de Lajeado foram salvas e estão abrigadas em abrigos públicos ou casas de parentes. O desafio agora é de reconstrução — diz.

4

GRAMADO

Sete mortos e 'nova pandemia' para o turismo local

Localizada na Serra Gaúcha, Gramado tem dois desafios depois das enchentes que fizeram a população precisar deixar as casas e causaram sete mortes. O primeiro, claro, é reconstruir as áreas que passaram por deslizamentos e deixaram moradores desabrigados. Mas há também a necessidade de retomar o turismo, principal motor econômico do município.

3

ELDORADO DO SUL

A cidade inteira que precisou sair de casa

Todo o município de Eldorado do Sul, na Região Metropolitana de Porto Alegre, está tomado pela água. Na terça-feira, veio a ordem: os 42 mil moradores precisariam deixar a cidade. Não há água, tampouco energia elétrica. Por outro lado, os saques começaram a ser frequentes. A retirada das pessoas se dá de diferentes formas: helicópteros, ônibus e caminhões — "do jeito que dá", como classificou o prefeito Emami de Freitas (PDT) ao portal "UOL". Elas são levadas a abrigos em Guaíba, Mariana Pimentel, Sertão Santana, Barra do Ribeiro, Porto Alegre e Gravataí.

— O objetivo é levar todo mundo para onde tem segurança e sem largar ninguém — diz o prefeito.

A previsão não é nada otimista: a cidade deve permanecer alagada por mais dez dias. — Muitas estão sendo abrigadas nessas regiões e elas estão recebendo suporte. Há notícias de pessoas, inclusive, que querem voltar para Eldorado do Sul, mas a condição é muito grave. Está totalmente alagada — afirmou o tenente Sabrina Ribas, da Defesa Civil do estado, também ao portal.

— Nossa dificuldade como prefeito é muito grande, ainda mais sendo uma cidade que tem o Brasil inteiro de olho, que tem o turismo como principal atividade — afirma o prefeito Nestor Tissot (PP). — Nossa área central, onde acontece o turismo, não sofreu problema nenhum. Está bonita, florida. Mas cancelamos eventos, e vamos ver adiante como resolvemos.

O dinheiro necessário para retomar as perdas de infraestrutura é cerca de R\$ 40 milhões, avalia a prefeitura.

— O impacto é bastante grande. Neste mês de maio vamos sofrer muito, algo muito parecido com a pandemia no aspecto econômico. Estamos voltando para o mesmo período, mas por outro problema.

Na pandemia, diz o prefeito, ao menos a dor era compartilhada com o mundo inteiro. Agora, apesar da solidariedade do restante do país, o "Rio Grande do Sul agoniza sozinho".

5

NOVO HAMBURGO

Prefeita urbana viveu na prática o que estudou



A prefeita de Novo Hamburgo, Fátima Dault (MDB), é formada em arquitetura e urbanismo e, na especialização em planejamento urbano, decidiu estudar os impactos das crises climáticas para as cidades. Hoje, sente na pele a urgência do que estudou. O município viu o Rio dos Sinos transbordar a ponto de deixar todo o bairro de Santo Afonso debaixo d'água.

— Meus técnicos me falaram da possibilidade de transbordar do rio para cima do dique, que impacta 19 mil pessoas. A possibilidade era gigante, e logo depois iniciamos operação para evacuar todo o bairro Santo Afonso. Evacuamos um total de 12 mil pessoas na manhã de sexta-feira (3), e logo depois iniciou o transbordamento — conta. — Hoje estamos com toda aquela região totalmente inundada, só aparecem os altos das casas. Lógico que ficaram algumas pessoas, porque o dique existe desde a década de 1970 e alguns não acreditavam que transbordaria. Precisamos resgatá-las com barcos e bombeiros depois.

A permanência da água em níveis altos dificulta a análise dos estragos. A prefeitura ainda não sabe, por exemplo, o quanto da rede de saneamento foi destruída. Hoje, cerca de 6,6 mil pessoas estão nos abrigos da cidade.

Fátima Dault alega que obras de drenagem feitas nos últimos anos ajudaram Novo Hamburgo a reduzir os impactos da tragédia. E clama por um futuro próximo em que as cidades, mas também a União, levem a sério os projetos de mitigação dos impactos climáticos.

— Precisa ter um olhar dos governos municipais para as medidas de adaptação nas cidades, para que se tornem mais resilientes. Mas precisamos de um comando federal também; que governo federal puxe esse assunto não apenas quando há um evento climático severo. Precisa haver política pública efetiva.

prio-lar debaixo d'água.

Cidades inteiras, caso de Eldorado do Sul e Gramado, passaram por ordens de evacuação. Em outras, como Lajeado e Novo Hamburgo, regiões críticas tiveram casas devastadas e vão precisar de quantias superlativas de dinheiro para se reerguerem.

A demanda por investimentos federais e estaduais nos municípios, inclusive, perpassa o relato de todos os prefeitos. Cobra-se maior celeridade na liberação de recursos e no anúncio de medidas para enfrentar a tragédia — seja para ações emergenciais ou planos de reconstrução das cidades no futuro próximo.

O balanço da Defesa Civil gaúcha traz outros números impactantes, além dos mortos pela tragédia. São 327 mil desalojados, 68,5 mil pessoas em abrigos e 134 desaparecidos.

No total, 1,7 milhão de moradores foram afetados em 431 municípios — o estado tem 497, e a proporção de atingidos ajuda a ilustrar a dimensão do problema, considerado o maior da história gaúcha.

Em algumas das ligações para colher os depoimentos dos prefeitos, a internet caiu e a ligação travava, também fruto dos impactos das enchentes para a infraestrutura das cidades.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Brasil **Página:** 8